

The background of the entire page is a repeating pattern of red, five-pointed stars. The stars are arranged in a grid-like fashion, with some stars partially cut off by the edges of the page. The stars are a vibrant red color against a plain white background.

Jules Verne

Tradução Regina Schöpke e Mauro Baladi

**O testamento de
um excêntrico**

Jules Verne

**O testamento de
um excêntrico**

Jules Verne

**O testamento de
um excêntrico**

Tradução
REGINA SCHÖPKE
MAURO BALADI

Posfácio
REGINA SCHÖPKE

CARAMBAIA

NOTA DESTA EDIÇÃO

A tradução manteve a opção do autor de usar os nomes de locais e instituições americanos ora na forma inglesa, ora traduzidos. Só foram vertidos para o português, portanto, os termos que estavam em francês no original. Mantiveram-se as notas da primeira edição do livro, na qual esta tradução se baseou.

1. Toda uma cidade em festa	7. O primeiro a partir	13. Aventuras do comodoro Urrican	18. A passo de tartaruga	24. Duzentos dólares por dia	29. O sino de Oakswoods
9	124	274	361	500	623
2. William J. Hypperbone	8. Tom Crabbe carregado por John Milner	14. Continuação das aventuras do comodoro Urrican	19. O Pavilhão Verde	25. As peregrinações de Harris T. Kymbale	30. Derradeira excentricidade
27	151	292	389	527	638
3. Oakswoods	9. Um mais um são dois	15. A situação em 27 de maio	20. As grutas do Kentucky	26. A prisão do Missouri	<hr/> Viagens extraordinárias
47	171	311	412	553	REGINA SCHÖPKE
4. Os “Seis”	10. Um repórter em viagem	16. O parque nacional	21. O Vale da Morte	27. Notícia sensacional para a <i>Tribune</i>	28. Os últimos lances do desafio Hypperbone
61	190	323	430	576	597
5. O testamento	11. As aflições de Jovita Foley	17. Confundindo um com o outro	22. Na casa da South Halsted Street		
85	221	343	454		
6. O tabuleiro posto em circulação	12. A quinta competidora		23. O golpe do reverendo Hunter		
105	248		481		

I. Toda uma cidade em festa

Um estranho poderia, com justa razão, considerar-se o favorito do Deus dos viajantes chegando à principal cidade do Illinois na manhã de 3 de abril de 1897. Naquele dia, seu caderninho se enriqueceria com anotações curiosas, apropriadas para fornecer material para artigos sensacionais. E se, de início, ele prolongasse por algumas semanas e, depois, por alguns meses, sua permanência em Chicago, ele seguramente teria a oportunidade de tomar parte das emoções, palpitações, alternâncias entre esperança e desespero, agitações e até mesmo espantos dessa grande cidade que já não tinha um completo domínio de si mesma.

Desde as oito horas, uma enorme multidão, sempre crescente, ia se dirigindo para o 22º distrito. Um dos mais ricos, ele está situado, seguindo o sentido dos paralelos, entre a North Avenue e a Division Street e, seguindo o sentido dos meridianos, entre a North Halsted Street e a Lake Shore Drive, que são banhadas pelas águas do Rio Michigan. Como se sabe, as modernas cidades dos Estados Unidos orientam suas ruas de acordo com as latitudes e as longitudes, impondo-lhes a regularidade das linhas de um tabuleiro de xadrez.

— Pois então! – dizia um agente da polícia municipal que estava de guarda na esquina da Beethoven Street com a North Wells Street. – Será que toda a população vai invadir esse distrito?...

Esse agente era um indivíduo alto, de origem irlandesa, como a maioria de seus colegas de corporação – em suma, bravos guardiães, que gastam a maior parte de um ordenado de mil dólares para combater a inextinguível sede tão natural nos nativos da verde Erin.

— Será um dia proveitoso para os batedores de carteiras! – respondeu um de seus colegas, não menos alto, não menos sedento e não menos irlandês que ele.

— Então – retomou o primeiro –, que cada um vigie seu bolso, se não quiser achá-lo vazio quando chegar em casa, porque nós não somos suficientes para isso...

— E, hoje – concluiu o segundo –, vai haver, penso eu, muito trabalho, bem mais que oferecer o braço às damas na travessia dos cruzamentos.

— Aposto em uma centena de esmagados! – acrescentou seu colega.

Felizmente, tem-se o excelente hábito, na América, de proteger-se por conta própria, sem esperar do governo uma ajuda que ele é incapaz de dar.

E, no entanto, que congestionamento ameaçaria esse 22º distrito, se apenas metade da população de Chicago se deslocasse para lá! A metrópole contava com nada menos de 1,7 milhão de habitantes, cerca de um quinto destes

nascido nos Estados Unidos. A Alemanha podia reivindicar perto de 500 mil e a Irlanda, quase a mesma coisa. Quanto ao resto, os ingleses e os escoceses contribuíam com 50 mil; os canadenses, com 40 mil; os escandinavos, com 100 mil, os boêmios e os poloneses, com igual número; os judeus, com uns 15 mil e os franceses, com uns 10 mil – número ínfimo nessa aglomeração.

Aliás, a cidade ainda não ocupa – como observa Élisée Reclus¹ – todo o território municipal que os legisladores recortaram para ela nas margens do Rio Michigan, ou seja, uma superfície de 471 quilômetros quadrados – quase igual à superfície do departamento do Sena. Cabe à sua população aumentar bastante – isso não é impossível, e até é provável – para povoar a extensão desses 47 mil hectares.

O que há de certo é que, naquele dia, os curiosos afluíam dessas três seções que o rio de Chicago forma com suas duas ramificações do noroeste e do sudoeste, do North Side assim como do South Side, considerados por alguns viajantes como o Faubourg Saint-Germain e o Faubourg Saint-Honoré da grande cidade do Illinois. É verdade que não faltava afluxo pelo lado desse ângulo contido a oeste, entre os dois braços do curso de água. Por habitarem um setor menos elegante, nem por isso as pessoas pareciam menos dispostas a fornecer seu contingente à massa do público, mesmo nessas miseráveis moradias das cercanias

1 Geógrafo e militante anarquista francês (1830-1905). [N.T.]

da Madison Street e da Clark Street, onde pululam os boêmios, os poloneses, os italianos e os numerosos chineses fugidos dos biombos do Império Celeste.

Todo esse êxodo, portanto, se dirigia para o 22º distrito, tumultuosamente, ruidosamente, e as oitenta ruas que se ligam a ele jamais poderiam ser suficientes para o escoamento de semelhante multidão.

E eram as diversas classes da população que se misturavam nessa ebulição humana – funcionários da administração federal e dos correios, magistrados do Palácio da Justiça, membros superiores da Prefeitura, conselheiros municipais da Câmara da cidade, pessoal desse imenso edifício que é o Auditorium, cujas salas são contadas aos milhares, empregados das grandes lojas de novidades e dos bazares (os dos srs. Marshall Field, Lehmann e W. W. Kimball), operários das fábricas de banha de porco e de margarina que produzem uma manteiga de excelente qualidade a 10 centavos ou 10 tostões a libra, trabalhadores das oficinas de carpintaria do célebre construtor Pullman, vindos de seus distantes arrabaldes do sul, empregados da importante loja de variedades Montgomery Ward and Co., 3 mil operários do sr. Mac Cormick, o inventor da famosa ceifadora-enfardadora, os dos altos-fornos e laminadores onde se fabrica em larga escala o aço Bessemer, os das usinas do sr. J. Mac Gregor Adams que trabalham o níquel, o estanho, o zinco, o cobre e refinam o ouro e a prata, os das manufaturas de calçados, onde

a maquinaria é tão aperfeiçoada que basta um minuto e meio para confeccionar uma botina, e também os 1.800 operários da fábrica Elgin, que entregam ao comércio 2 mil relógios por dia.

Gostaríamos de acrescentar a essa enumeração, já longa, o pessoal ocupado no serviço dos silos de Chicago, que é o primeiro mercado mundial para os negócios com cereais. Seria preciso juntar a eles os agentes ligados à rede de estradas de ferro, as quais, por 27 diferentes trajetos e com mais de 1.300 trens, despejam todos os dias 175 mil viajantes pela cidade, e os dos bondes a vapor ou elétricos, teleféricos e outros, que transportam 2 milhões de pessoas. E, por fim, a população dos marinheiros e barqueiros de um vasto porto cujo movimento comercial ocupa em uma única jornada cinco dúzias de navios.

Seria preciso ser cego para não perceber no meio dessa multidão os diretores, os redatores, os cronistas, os tipógrafos e os repórteres dos 540 jornais, diários ou semanais, da imprensa de Chicago. Seria preciso ser surdo para não ouvir os gritos dos corretores – dos *bulls*, que apostam nas altas, e dos *bears*, que apostam nas baixas – como se eles estivessem em vias de entrar em ação na Board of Trade ou no Wheat Pit, a Bolsa de Grãos. E ao redor desse mundo de berraria agitava-se todo o pessoal dos bancos nacionais ou estaduais, Corn Exchange, Calumet, Merchants' Loane Trust and Co., Fort Dearborn, Oakland, Prairie-State, American Trust and Savings, Chicago City

Guarantee of North America, Dime Savings, Northern Trust and Co. etc.

E como esquecer nessa demonstração pública os alunos dos colégios e universidades, Northwestern University, Union College of Law, Chicago Manuel Training School e tantos outros; esquecer os artistas dos 23 teatros e casinos da cidade, os do Grand Opera House, assim como os do Jacobs' Clark Street Theater, os do Auditorium e do Lyceum; esquecer a gente dos 29 principais hotéis; esquecer os garçons e serventes desses restaurantes bastante espaçosos para receber 25 mil convivas por hora; esquecer, enfim, os empacotadores ou açougueiros do Great Union Stock Yard que, por encomenda das empresas Armour, Swift, Nelson, Morris e numerosas outras, abatem milhões de bois e de porcos a 2 dólares por cabeça! E poderíamos nos espantar com o fato de que a Rainha do Oeste ocupe o segundo lugar, depois de Nova York, entre as cidades industriais e comerciais dos Estados Unidos, já que seus negócios alcançam a cifra anual de 30 bilhões?!

Sabemos que Chicago, a exemplo das grandes cidades americanas, desfruta de uma liberdade tão absoluta quanto democrática. Ali a descentralização é completa, e, se for permitido brincar com as palavras, que atração a incitava, naquele dia, a centralizar-se em torno da La Salle Street?

Seria em direção à Prefeitura que sua população se despejava em massas tumultuosas? Tratava-se de uma

irresistível corrente de especulação, daquilo que é chamado aqui de um *boom*, de alguma oferta de terrenos, que superexcitava todas as imaginações?... Tratava-se de uma dessas lutas eleitorais que apaixonam as multidões, de um comício no qual os republicanos conservadores e os democratas liberais se combateriam nas portas do edifício da administração federal?... Tratava-se de inaugurar uma nova World's Columbian Exposition² e de recomeçar, sob as sombras do Lincoln Park, ao longo de Midway Plaisance, as pompas solenes de 1893?...

Não, estava sendo preparada uma cerimônia de um tipo totalmente diferente, cujo caráter pareceria profundamente triste se seus organizadores não tivessem de se conformar com as vontades do personagem a quem ela dizia respeito, realizando-a em meio à alegria geral.

Naquela hora, a La Salle Street estava totalmente liberada, graças aos policiais posicionados em grande número em suas duas extremidades. O cortejo que se dispunha a percorrê-la poderia, portanto, transcorrer sem obstáculos para seus bandos em procissão.

Se a La Salle Street não é procurada pelos ricos americanos, como são as avenidas Prairie, Calumet e Michigan, nas quais se erguiam opulentas habitações, é, no entanto, uma das ruas mais frequentadas da cidade. Ela recebeu o

2 Exposição mundial realizada em Chicago, em 1893, para celebrar a chegada de Cristóvão Colombo ao Novo Mundo, em 1492. [N.T.]

nome de um francês, Robert Cavalier de La Salle, um dos primeiros viajantes que vieram, em 1679, explorar essa região dos lagos – com justiça, um nome muito célebre nos Estados Unidos.

Perto do centro da La Salle Street, o espectador que tivesse conseguido atravessar a dupla barreira de policiais poderia perceber, na esquina da Goethe Street, uma carruagem de seis cavalos parada diante de uma mansão de aparência magnífica. Na frente e atrás dessa carruagem, um cortejo, perfeitamente organizado, esperava apenas o sinal para se pôr em marcha.

A primeira metade desse cortejo incluía diversas companhias da milícia, todas em uniformes de gala sob as ordens de seus oficiais, uma banda que não contava com menos de cem instrumentistas e um coro orfeônico do mesmo tamanho, que devia, em diferentes ocasiões, misturar seus cantos com os acordes dessa banda.

A carruagem estava forrada com reposteiros de um vermelho cintilante, cobertos com bordados em prata e ouro, sobre os quais se divisavam em caracteres ornados com diamantes as três letras W. J. H. Profusamente se misturavam os buquês, ou melhor, as braçadas de flores, que seriam raras em qualquer outro lugar que não fosse uma cidade comumente chamada de Garden City. Do alto desse veículo, digno de figurar no meio de uma festa nacional, pendiam até o chão algumas guirlandas que eram sustentadas por seis pessoas, três à direita e três à esquerda.

Poucos passos atrás, via-se um grupo de cerca de vinte pessoas, entre as quais James T. Davidson, Gordon S. Allen, Harry B. Andrews, John I. Dickinson, Thomas R. Carlisle etc., do Excentric Club da Mohawk Street, que era presidido por George B. Higginbotham, e alguns membros dos círculos do Cachimbo da Paz da Michigan Avenue, do Hyde Park da Washington Avenue, do Columbus da Monroe Street, da Union League da Custom House Place, do Irish American da Dearborn Street e dos catorze outros clubes da cidade.

Ninguém ignora que é em Chicago que se encontram o quartel-general da divisão do Missouri e a residência habitual de seu comandante. É evidente que esse comandante, o general James Morris, seu estado-maior e os oficiais de seus departamentos instalados no edifício Pullman se comprimiam atrás do grupo já mencionado. Depois, vinham o governador do estado, John Hamilton, o prefeito e seus assessores, os membros do conselho municipal, os comissários administrativos do condado, vindos expressamente de Springfield – essa capital oficial do Illinois, na qual estão estabelecidas as diversas repartições –, e também os magistrados da Justiça Federal, que, ao contrário do que acontece com tantos outros funcionários públicos, não são escolhidos por sufrágio universal, mas pelo presidente da União.

Depois, no fim do cortejo, espremia-se uma multidão de negociantes, de industriais, de engenheiros, de professores,

de advogados, de procuradores, de médicos, de dentistas, de legistas, de promotores e de delegados, aos quais se juntaria a imensa afluência de público a partir do momento em que o cortejo saísse da La Salle Street.

É verdade que, com o objetivo de proteger essa última fileira contra a invasão, o general James Morris tinha acumulado fortes destacamentos de cavalaria, com os sabres desembainhados, cujos estandartes flutuavam sob uma brisa bastante fresca.

A longa descrição de todos os agrupamentos civis ou militares, de todas as sociedades e corporações que tomavam parte nessa extraordinária cerimônia deve ser complementada por este detalhe bastante significativo: os assistentes, sem uma única exceção, traziam uma flor na lapela, uma gardênia que lhes tinha sido oferecida pelo mordomo vestido de negro, postado na escadaria da mansão.

Quanto ao mais, a mansão havia adotado uma aparência de festa. Seus candelabros e suas lâmpadas elétricas, inundando de luzes, lutavam com os raios intensos de um sol de abril. Suas janelas, escancaradas, mostravam suas tapeçarias multicoloridas. Seus criados, com trajes de cerimônia, enfileiravam-se sobre os degraus de mármore da escadaria de honra. Seus salões de cerimônia tinham sido arrumados para uma recepção solene. Suas salas de jantar estavam providas de mesas sobre as quais faiscavam os enfeites de centro de prata maciça, a maravilhosa baixela dos milionários de Chicago e as taças de cristal

cheias de vinhos das melhores safras e de champanhe das melhores marcas.

Por fim, nove horas soaram no relógio da Prefeitura. Fanfarras ribombaram na extremidade da La Salle Street. Três hurras, unanimemente gritados, encheram o espaço. Ao sinal do superintendente de polícia, o cortejo pôs-se em movimento, com os estandartes erguidos.

Em primeiro lugar, dos formidáveis instrumentos da banda escaparam os ritmos arrebatadores da *Columbus March*, do professor John K. Paine, de Cambridge. Lento e compassado, o desfile efetuou-se subindo a La Salle Street. Quase ao mesmo tempo, a carruagem se pôs em movimento no passo de seus seis cavalos luxuosamente enfeitados e cobertos com penachos. As guirlandas de flores se esticaram nas mãos dos seis privilegiados, cuja escolha parecia se dever aos caprichos fantasistas do acaso.

Depois, os clubes, as autoridades militares, civis e municipais e as massas que seguiam os destacamentos de cavalaria avançaram em perfeita ordem.

É inútil dizer que as portas, as janelas, os balcões, os beirais e os próprios telhados da La Salle Street estavam abarrotados de espectadores de todas as idades, a maioria dos quais ocupava seu lugar desde a véspera.

Quando as primeiras fileiras do cortejo alcançaram o extremo da via, desviaram-se um pouco para a esquerda, a fim de entrar na avenida que margeia o Lincoln Park.

Que incrível fervilhar de gente nos 250 acres³ desse admirável parque banhado a leste pelas águas agitadas do Rio Michigan, com suas alamedas sombreadas, seus bosquezinhos, seus gramados, suas dunas arborizadas, sua Laguna Winston, seus monumentos erguidos à memória de Grant e de Lincoln, seus espaços para paradas e seu setor zoológico, onde as feras urravam e os macacos pulavam para se harmonizar com toda essa agitação popular! Como habitualmente o parque ficava quase deserto durante a semana, um estranho poderia se perguntar se aquele dia era um domingo. Não! era uma sexta-feira – a triste e enfadonha sexta-feira – na qual caía, naquele ano, o dia 3 de abril.

Bom! Mas, com isso, pouco se preocupavam os curiosos, que trocavam suas reflexões durante a passagem do cortejo, do qual eles lamentavam, sem dúvida, não fazer parte.

– Certamente – dizia um – é tão bonito quanto a cerimônia de inauguração da nossa exposição!

– Verdade – respondia outro –, e se equipara ao desfile de 24 de outubro em Midway Plaisance!

– E os seis que andam perto da carruagem... – clamava um marinheiro da Chicago River.

– E que retornarão com os bolsos cheios! – gritava um operário da fábrica Cormick.

3 Unidade de medida agrária adotada no passado na França e ainda em uso nos Estados Unidos e em outros países. O acre inglês e americano equivale a 40,47 ares, ou 0,405 hectare, ou 4.840 jardas quadradas. INT.]

– Lá vão os ganhadores dos grandes prêmios – relinchava um enorme cervejeiro que suava cerveja por todos os poros. – Eu bem que daria o meu peso em ouro para estar no lugar deles...

– E você não sairia perdendo! – replicava um vigoroso empregado do abatedouro Stock Yards.

– Um dia que lhes renderá alguns maços de bom dinheiro!... – repetia-se em torno deles.

– Sim!... a fortuna deles está feita!...

– E que fortuna!...

– Dez milhões de dólares para cada um...

– Você quer dizer 20 milhões...

– Mais perto de 50 que de 20!

Entusiasmados como estavam, esses bons homens terminaram chegando ao bilhão – palavra que, aliás, é corrente nas conversas nos Estados Unidos. Mas vale notar que todos esses comentários se baseavam apenas em simples hipóteses.

E agora, será que esse cortejo percorreria a cidade?...

Pois bem, se o programa incluísse um semelhante passeio, o dia todo não seria suficiente.

Seja como for, sempre com as mesmas demonstrações de alegria, sempre em meio aos barulhentos estrondos da banda e aos cantos dos orfeonistas – que acabavam de entoar o *To the Son of Art* – através dos hips e dos hurras da multidão, a longa coluna ininterrupta chegou diante da entrada do Lincoln Park, onde começa a Fullerton

Avenue. Ela virou, então, à esquerda e se encaminhou na direção oeste durante cerca de 2 milhas⁴, até o braço setentrional do Rio Chicago. Entre as calçadas, cheias de gente, havia bastante espaço para que o desfile pudesse se realizar livremente.

Atravessando a ponte, o cortejo chegou, pela Brand Street, a essa magnífica via que tem o nome de Bulevar Humboldt, num percurso de 11 milhas e tornando a descer em direção ao sul, depois de ter ido para o oeste. Foi na esquina da Logan Square que ele seguiu essa direção, depois que os policiais, não sem dificuldade, liberaram a calçada entre a quántupla fileira de curiosos.

A partir desse ponto, a carruagem rodou até Palmer Square, parando diante do parque que traz igualmente o nome do ilustre sábio prussiano.

Era meio-dia. Uma parada de meia hora foi feita no Humboldt Park – parada muito justificada, porque o passeio ainda devia ser longo. A multidão pôde se espalhar à vontade por esses terrenos verdejantes, refrescados pela forte corrente das águas, e cuja superfície ultrapassa os 200 acres.

Com a carruagem parada, a banda e os corais atacaram o *Star Spangled Banner*, que foi coberto de aplausos como teria sido no auditório do Cassino.

4 Uma milha equivale a 1,6 quilômetro. [N.T.]

O ponto mais extremo a oeste que o programa designava para o cortejo foi alcançado, por volta das duas horas, no Parque Garfield. Como se vê, não faltam parques na grande cidade do Illinois. Poderíamos listar pelo menos os quinze principais – o de Jackson não mede menos de 586 acres – e em seu conjunto eles cobrem 2 mil acres de matas, de matagais, de bosquezinhos e de gramados.

Quando a curva que faz o Bulevar Douglas, virando para o leste, foi ultrapassada, o desfile retomou essa direção, a fim de chegar ao Douglas Park e, de lá, pelo South West, atravessar o braço meridional do Rio Chicago e depois o canal de Michigan, que o costeia em direção à nascente. Bastou descer para o sul, ao longo da Western Avenue, por uma distância de 3 milhas, para encontrar o Gage Park.

Então, bateram as três horas e teve-se a oportunidade de fazer uma nova parada, antes de voltar-se para os bairros do leste da cidade.

Dessa vez, a banda endoideceu, tocando com um arroubo extraordinário as mais vivas composições em compasso dois por quatro, os mais furiosos *allegros*, tirados do repertório dos Lecocq, dos Varney, dos Audran e dos Offenbach.⁵ Chega a ser incrível que toda essa gente não tenha entrado na dança sob a ação desses ritmos dos bailes públicos. Na França, ninguém teria resistido.

5 Charles Lecocq (1832-1918), Louis Varney (1844-1908), Edmond Audran (1840-1901), Jacques Offenbach (1819-1880), compositores. [N.T.]

Além do mais, o tempo estava magnífico, embora ainda não deixasse de fazer bastante frio. Nos primeiros dias de abril, o período invernal está longe de ter chegado ao fim sob o clima do Illinois, e a navegação no Lago Michigan e no Rio Chicago geralmente é interrompida do começo de dezembro ao final de março.

Mas, embora a temperatura ainda fosse baixa, o ar estava tão puro, o sol – circunscrevendo sua curva sobre um céu sem nuvens – vertia raios tão luminosos e parecia de tal maneira “ter-se posto em festa”, como dizem os cronistas da imprensa oficiosa, que tudo parecia dever andar a contento até o anoitecer.

De resto, a massa do público não tendia de maneira alguma a diminuir. Se não eram mais os curiosos dos bairros do norte, eram os curiosos dos bairros do sul, e estes se equivaliam àqueles nas demonstrações de animação e no entusiasmo dos hurras que eles lançavam na passagem.

No que concerne aos diversos grupos, o cortejo se conservava como no início, diante da mansão da La Salle Street, e certamente ainda estaria assim ao fim de sua longa jornada.

Ao sair do Gage Park, a carruagem voltou diretamente para o leste pelo Garfield Boulevard.

Na extremidade desse bulevar se exhibe em toda a sua magnificência o Parque Washington, que abrange uma extensão de 371 acres.

A multidão lotava-o, tal como fazia alguns anos antes, quando da grande Exposição organizada em sua vizinhança.

Entre as quatro horas e as quatro e meia houve uma parada durante a qual foi executado de maneira notável pelos orfeonistas, e com os aplausos do incontável auditório, o *In Praise of God*, de Beethoven.

Depois, o passeio foi retomado sob as sombras do parque até a parte que compõe, com o Midway Plaisance, o conjunto da World’s Columbian Fair, no vasto recinto do Jackson Park, nas próprias margens do Lago Michigan.

Será que a carruagem se dirigiria para esse lugar que se tornara célebre?... Será que se tratava de uma cerimônia que evocaria a lembrança disso, de um aniversário que, festejado anualmente, não deixaria que jamais fosse esquecida essa data memorável dos anais de Chicago?...

Não, depois de terem contornado o Washington Park Club pela Cottage Greve Avenue, as primeiras fileiras da milícia estacionaram diante de um parque cercado pelas estradas de ferro com sua múltipla rede de aço nesse bairro populoso.

O cortejo se deteve e, antes de penetrar nas sombras dos magníficos carvalhos, os instrumentistas apresentaram uma das mais encantadoras valsas de Strauss.

Seria esse parque, portanto, o de um cassino, e um imenso salão estaria à espera de toda essa gente, convidada para alguma festividade noturna carnavalesca?...

Os portões acabavam de se abrir de par em par, e só à custa de grandes esforços os policiais conseguiam conter a multidão – mais numerosa, mais barulhenta e também mais transbordante naquele lugar.

Dessa vez, ela não tinha invadido o parque, que era protegido por diversos destacamentos da milícia, para permitir que a carruagem nele penetrasse ao fim desse passeio de umas 15 milhas pela imensa cidade...

Esse parque não era um parque... Era o Oakswoods Cemetery, o mais vasto dos onze cemitérios de Chicago... E essa carruagem era um carro fúnebre, que transportava para sua derradeira morada os restos mortais de William J. Hypperbone, um dos membros do Excentric Club.

2. William J. Hypperbone

Que os srs. James T. Davidson, Gordon S. Allen, Harry B. Andrews, John J. Dickinson, George B. Higginbotham e Thomas R. Carlisle tenham sido citados entre os honráveis grupos de personalidades que andavam imediatamente atrás da carruagem, não seria possível induzir disso que eles fossem os membros mais proeminentes do Excentric Club.

De fato, para dizer a verdade, a única coisa excêntrica que havia na maneira deles de viver nesse mundo era pertencerem ao dito clube da Mohawk Street. Talvez esses importantes filhos de Jônatas, enriquecidos nos múltiplos e frutuosos negócios de terras, de charque, de petróleo, de ferrovias, de minas, de criação e abate de animais, tivessem tido a intenção de “surpreender” seus compatriotas dos 51 estados da União, o Novo e o Velho Mundo por meio de algumas extravagâncias ultra-americanas. Porém, sua existência pública ou privada, é preciso reconhecer, não oferecia nada que fosse de natureza a atrair para eles a atenção do universo. Eles eram ali cerca de cinco dezenas, “valendo uma grande soma de impostos”, pagando uma mensalidade elevada, sem relações frequentes com